

Flávia Ferreira Pires  
MN/UFRJ

Em um livro divertido, direcionado para o público leigo *savant*, Kate Fox tenta entender o que ela denomina de *Englishness*, a partir de uma antropologia *pop*.

O livro é dividido em duas partes, os “Códigos de Conversação” e os “Códigos de Comportamento”, acrescidas de uma conclusão onde a autora enumera as características da *Englishness*. O argumento central é que há, no coração da *Englishness*, uma *social dis-ease* (doença ou dificuldade social), que se caracteriza por toda sorte de “desabilidades e inibições sociais crônicas” (:401). Segundo ela, os ingleses estão sempre em situação de desconforto social, o que os leva a agir com excesso de reserva e educação ou, ao contrário, com brutalidade, violência e desordem. Reserva, desordem e obsessão pela privacidade constituem os sintomas da “social dis-ease” que se manifestam, entre outras coisas, como “agorafobia” e “autismo”.

Da “social dis-ease”, centro da vida social inglesa, partem os *reflexos*, as *visões de mundo* e os *valores* ingleses, junto com os seus respectivos conteúdos. Os *reflexos* ingleses (ou impulsos) são o *humor*, a *moderação* e a *hipocrisia*. O *humor* é o mais importante de todos os reflexos pela sua penetração e suprema importância na “vida cotidiana e na cultura” (:402). O que distingue o humor inglês é seu caráter constante na vida social. Por *moderação* entende-se a evitação de extremos, excessos e intensidade de qualquer natureza: “Nós fazemos tudo com moderação, exceto a moderação, a qual levamos a extremos ridículos” (:403). A *hipocrisia* inglesa é uma forma de gentileza, uma vez que ocultando os verdadeiros sentimentos e opiniões evita-se causar ofensa e embaraço. Além disso, é um traço onipresente, mas corrompe todos os *ideais ingleses* (a *modéstia*, a *cortesia* e o *jogo justo*).

A *visão de mundo* inglesa compreende o *empirismo*, o *constante lamento* e a *consciência de classe*. Por *empirismo* entende-se antiteoria, antiabstração e antidogma e a preferência inglesa pelo factual, pelo concreto e pelo senso-comum. O *constante lamento* se caracteriza por um “pessimismo crônico” (:405) segundo o qual a natureza das coisas é dar errado. Junte-se a ele a “satisfação perversa” (:406) como resultado

da confirmação das previsões pessimistas e temos aí, diverte-se a autora, uma nação de rabugentos. O *lamento-constante* é ineficaz, uma vez que os ingleses nunca reclamam diretamente ao causador do descontentamento. No entanto, ele funciona como terapia coletiva, na medida em que facilita os laços e as interações sociais. E, por fim, a *visão de mundo* inglesa é dominada por uma *consciência de classe* distintamente particular, dado que, na Inglaterra: a) o sistema de classes determina os gostos, os comportamentos, os julgamentos e as interações; b) a classe é determinada por fatores não-econômicos (como modo de falar, maneiras, gosto e estilo de vida); c) os ingleses têm uma grande sensibilidade para diagnosticar o pertencimento de classe; e d) paradoxalmente, negam a importância das diferenças de classe na vida social inglesa, apesar de todas as evidências em contrário.

Fox chama a tentativa de esconder as diferenças entre as classes sociais de “igualitarismo gentil”. Este traço pode ser observado na regra que rege a etiqueta das gorjetas nos *pubs*. Como forma de gorjeta se oferece uma bebida para o *barman*, mas nunca dinheiro (aparentemente os ingleses têm problemas em falar abertamente sobre dinheiro). O ato cria uma paridade, em termos de classe social, entre o trabalhador e o cliente, mesmo que essa paridade seja fictícia. A discussão sobre classe social está presente em todo o livro, apesar de não constituir um capítulo específico. Como a autora explica, a consciência de classe permeia todas as facetas da vida social inglesa<sup>1</sup>.

Por fim, os valores da *Englishness* são o *jogo justo*, a *cortesia* e a *modéstia*. O *jogo justo* implica que a todos devam ser dadas as mesmas chances de competir. A moralidade inglesa é basicamente situada na afirmação de jogo justo, cujo exemplo-síntese é a regra de jamais furar a fila. A *cortesia* é expressa nos inúmeros “sorries, pleases and thank yous” (:408) característicos de qualquer interação social inglesa. Segundo a autora, a *cortesia* é apenas mais uma formalidade, não constituindo preocupação genuína com o outro. Ela também pode ser observada no pedido de desculpas quase involuntário (“sorry”) que se ouve quando se esbarra em alguém nas ruas, mesmo sendo você o culpado pelo esbarrão. A verdadeira *modéstia* não é o forte dos ingleses, mas uma aspiração. Apresentar-se modesto é a regra a ser seguida. Há uma proibição implícita de qualquer forma de ostentação pessoal. O comportamento adequado é sempre o de autogozação e autodepreciação. Este traço se manifesta na forma de *ironia*: dizer o contrário do que se espera que o outro entenda.

No livro há um abuso no uso do conceito de *caráter nacional*, sem o cuidado de contextualizá-lo. Apesar de estar analisando a *Englishness*, Fox passa ao largo de discussões sobre identidade e etnicidade. Além de não discutir teoricamente o conceito em questão, a autora ignora a importância crucial dos imigrantes, principalmente das ex-colônias britânicas, na configuração da Inglaterra de hoje. Filhos de imigrantes, nascidos na Inglaterra, são considerados ingleses? A autora não se delonga sobre este ponto. Ela comenta rapidamente sobre a influência dos indianos, quando diz que o prato de que os ingleses mais sentem falta quando estão no estrangeiro não é o tradicional “peixe com fritas” nem a “torta de rim”, mas sim um “curry inglês bem preparado” (:301).

Outro problema recorrente é o exagero das particularidades inglesas. A autora exotiza deliberadamente os ingleses a fim de conceder-lhes pertinência etnográfica e tornar o livro mais divertido. Porém, muitas excentricidades que, segundo ela, são peculiares à Inglaterra, também são encontradas em outros lugares. Quando comenta sobre o *taboo* do dinheiro, Fox esclarece que em uma festa de casamento na Inglaterra, o noivo agradecerá à família da noiva proferindo palavras como “que festa maravilhosa!” e evitaria mencionar o valor material gasto. Ela comenta:

“A usual hipocrisia inglesa” (:187 e 372-3). Ao meu ver, o fato nada tem a ver com hipocrisia, como também não é singularmente inglês. No Brasil também, muito raramente, um noivo mencionaria as contas durante a festa. Dizer que a festa está linda deixa subentendido o quanto foi o gasto financeiro e, principalmente, o quanto aquele noivo está “obrigado” em relação aos parentes da noiva. Se lançarmos mão de Marcel Mauss, veremos que está em jogo um elaborado mecanismo de dádivas e contra-dádivas, onde o dinheiro não é a principal moeda de troca.

O que o livro tem de mais interessante é a descrição minuciosa dos comportamentos ingleses. A boa descrição só é possível se há trabalho de campo intensivo e isso conta ponto a favor do trabalho antropológico. No entanto, no livro em debate, a descrição, apesar de muito bem feita, perde sua força porque tende a um fim predeterminado: algum conceito engraçado que a autora cunha, mas que sempre se relaciona com “social disease”. Isso torna o livro um tanto cansativo, sem falar que a autora tece generalizações e teorizações sobre lugares onde ela não fez trabalho de campo. Em vários pontos ela usa expressões como “nos outros países”, “na maioria dos países” (:151, 190, 376) para afirmar as peculiaridades inglesas.

Filha do antropólogo Robin Fox, de quem fala com orgulho, a autora também tece comentários sobre as causas da *Englishness*. Para ela, as causas podem ser encontradas numa combinação de clima (cinza), história (administraram um império e o perderam) e geografia (o fato de serem uma ilha pequena e muito populosa). Fox chega a insinuar que a razão de “importantes similaridades entre os ingleses e os japoneses” passa pela geografia de ambos os países (:413). Como se não bastasse, junte-se ao determinismo geográfico e climático o determinismo biológico através do uso de conceitos como “instinto paterno” (:361).

*Watching the English* mostra como o cotidiano pode ser estranhado. A vida em Londres é tão fascinante e rica em rituais quanto qualquer comunidade perdida no meio do nada. Desviar o olhar do distante para observar o nosso cotidiano é uma tarefa interessante porque geralmente, quando fazemos antropologia de nós mesmos, damos conta dos limites da disciplina. Por outro lado, talvez por ela se situar no fazer antropológico *pop*, percebe-se certo tom de desprezo pela antropologia clássica. “Eu não entendo porque os antropólogos precisam viajar para os cantos remotos do mundo e pegar diarreia para estudar culturas tribais estranhas com crenças bizarras e costumes misteriosos, quando a mais estranha e enigmática de todas as tribos está aqui ao nosso lado” (:266). Utilizando-se do recurso da exotização, Fox novamente exagera na peculiaridade inglesa (“a mais estranha e enigmática de todas as tribos”).

O livro tem algumas fraquezas, mas um ponto forte é tornar a antropologia acessível ao público não especializado ou pouco especializado. Na Inglaterra, a recepção do público foi favorável. Consciente do viés exotizante, o livro pode ser útil em cursos introdutórios à disciplina. Mas é preciso dizer que este mesmo viés, que está presente nos filmes como *Indiana Jones* e na literatura de aventura, conquistou alguns corações jovens para o estudo antropológico. Ao fim, como estranhar a realidade e, ao mesmo tempo, não se aprisionar nas garras da exotização, é um dos grandes desafios da antropologia.

---

*Flávia Ferreira Pires é mestre em Antropologia Social  
pelo Museu Nacional da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro e doutoranda na mesma instituição.*

## NOTA

---

- 1 Eu tive a oportunidade de ler e discutir o livro durante meu estágio de doutorado sanduíche em Londres. Os alunos ingleses fizeram considerações sobre o conceito de classe social e, principalmente, sobre as aplicações do mesmo na vida social, que a mim passaram totalmente despercebidas durante a leitura do livro. Na ocasião, classe social foi, de longe, o tema mais polêmico. Interessante notar que os ingleses leram o livro a partir desta chave enquanto eu, uma brasileira, *outsider* em termos de vivência cotidiana da consciência de classe social nos moldes ingleses, compreendi o livro a partir de outra perspectiva. De toda maneira, o fato parece corroborar a afirmação de que para os ingleses a classe social é absolutamente central.